Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9 Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Produções Didático-Pedagógicas



PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA					
A Arte de Mestre Vitalino					
Maria Aparecida Camilo Martins Casini					
Arte					
Colégio Estadual Nestor Victor de Pérola-Paraná					
Pérola					
Umuarama					
Sheilla P. Dias de Souza					
Universidade Estadual de Maringá – UEM					
Língua Portuguesa e História					
Alunos do 9º Ano.					
A prática pedagógica no ensino de Arte na escola precisa avançar em direção um projeto de trabalho contemplando conteúdos importantes para o cotidiano dos alunos. Portanto, a presente Unidade Didática aponta subsídios teórico-práticos norteadores para o trabalho com a cultura popular na disciplina de Arte, a partir das obras do Mestre Vitalino, junto a alunos do 9º Ano do Colégio Nestor Victor da cidade de Pérola. Com propósito de buscar a valorização da cultura popular no ensino de Arte na escola, nesta Unidade Didática buscamos ressaltar pontos essenciais das obras do Mestre Vitalino, como prática contextualizada, tornando-se base real de conhecimento para o cotidiano dos alunos no Ensino Fundamental na disciplina de Arte. A avaliação será diagnóstica, contínua, acontecendo em todos os momentos do processo de ensino e aprendizagem, buscando verificar o que os alunos aprenderam, se os objetivos propostos foram atingidos e se a intervenção foi conduzida de forma adequada. O que se espera é que os alunos tenham a oportunidade de participar de estudos e vivências práticas sobre a cultura popular em sua diversidade nas diferentes realidades educacionais.					
Cultura Popular; Arte; Mestre Vitalino.					
Unidade Didática					

ADRESENTAÇÃO

A presente Unidade Didática intitulada "A Arte de Mestre Vitalino" é um elemento do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), ofertado pela Secretaria de Estado da Educação do Governo do Estado do Paraná, com o objetivo principal de desenvolver subsídios teórico-práticos norteadores para o trabalho com a cultura popular na disciplina de arte, a partir das obras do Mestre Vitalino.

Como integrante da atividade social, a arte tem sofrido as transformações e interações semelhantes às que decorrem na sociedade. As considerações acerca da presença da arte em uma dada cultura, sobre o papel do artista, sobre o produto artístico e a função social da arte não estão associadas apenas ao pensamento de uma parcela da sociedade ligada a esse assunto, desdobrando-se para outros territórios (BARBOSA, 2003).

Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná – DECs (2008), as aulas de Arte no contexto escolar precisam ser bem planejadas, com o resgate da pesquisa e de formas atrativas de ensinar e aprender, por meio da vivência da realidade histórica.

Nas culturas populares existem formas de trabalho em arte que extrapolam o utilitário e instrumental de produção artística. Ao tratar da importância da cultura popular, Silva (2008) entende que esta oferece formas de aprendizagem e ensinamentos menos práticos e/ou instrumentais do que os disponibilizados comumente pelas escolas. Ao ser compreendido como um sistema de conhecimentos, com sentidos e significados particulares, a cultura popular contribui para o resgate do currículo escolar em diferentes formas de compreensão e interpretação do real.

Dessas considerações advém a necessidade de refletir sobre a importância da arte popular, considerando as particularidades e as contribuições das obras do Mestre Vitalino, que muito tem colaborado com a arte brasileira, ao produzir figuras de barro, com forte dramaticidade, tendo como temas cenas do cotidiano, dos ritos de passagem, enfim, da vida das pessoas.

A reflexão sobre o trabalho com a disciplina de arte na escola deve incluir as experiências retiradas do contexto cotidiano. Com propósito de buscar a valorização da cultura popular no ensino de Arte na escola, nesta Unidade Didática buscamos

ressaltar pontos essenciais das obras do Mestre Vitalino, como prática contextualizada, tornando-se base real de conhecimento para o cotidiano dos alunos no Ensino Fundamental na disciplina de Arte.

O que se espera é que os alunos tenham a oportunidade de participar de estudos e vivências práticas sobre a cultura popular em sua diversidade nas diferentes realidades educacionais.

Para tal, esta Unidade Didática se apresenta organizada da seguinte forma:

- Apresentação do projeto para a escola;
- Apresentação do projeto para os alunos;
- Conceitos de cultura, cultura popular (folclore, escultura);
- Vida e Obra do Mestre Vitalino;
- Cerâmica no Mundo:
- Cerâmica Popular;
- Técnicas da Cerâmica:
- Construção de um Mini-Museu.

CULTURA: CONCEITOS E MANIFESTAÇÕES

Inicialmente, serão discutidos os conceitos de cultura, cultura popular folclore, escultura na cultura popular e produção do mestre Vitalino. O conteúdo será ministrado por meio de aulas expositivas e debates. O conteúdo será mediado por meio de uma aula expositiva, com a utilização de *slides* desenvolvidos com a utilização do programa *Power Point* ou *BR OFFICE*, com imagens representativas sobre a temática abordada, tendo como base os livros abaixo relacionados:

ARANTES, A. A. O que é cultura popular. 8ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

CANCLINI, N. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1989.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos. Disponível em: http://www.ufrgs.br/cdrom/Garcia/garcia.pdf>.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. GUSMÃO, N. M. Antropologia, estudos culturais e educação: desafios da modernidade. Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a04.pdf>.

Roda de conversa para debate sobre as seguintes questões:

- O que você entendeu por cultura?
- Todas as culturas têm o seu espaço na sociedade?
- Você concorda que a cultura popular brasileira é ampla e diversificada? Por quê?
- Comente sobre o significado da cultura popular.
- Diferencie cultura popular de folclore.
- Dê exemplos.

Em todo o Brasil encontramos espaços para a cultura popular, para saber mais vamos assistir ao vídeo: "Cultura Popular".



Vamos conversar mais sobre o assunto

- Você se sentiu envolvido pelo assunto?
- Em caso afirmativo, de que maneira?

- Em caso negativo, por quê?
- Crie uma mensagem utilizando os comentários do vídeo.
- Quem cuida do patrimônio cultural em sua cidade?
- O que você sabe sobre os bens patrimoniais de sua região?

VIDA E OBRA DO MESTRE VITALINO

Vamos conhecer a vida e algumas obras de Mestre Vitalino

Iniciar a aula com uma roda de conversa para verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o trabalho do artista nordestino que utiliza o barro. Em seguida, apresentar revistas e reportagens sobre o mestre Vitalino, apresentando algumas fotografias com suas obras para dialogar um pouco sobre a vida do artista.

Responda

- Quem já o conhecia?
- Quem já viu as suas obras pessoalmente ou através de fotos?
- O que essas obras querem transmitir?
- Você gostou? Justifique.

Vamos assistir o DVD intitulado "A Herança do Mestre VItalino".

DVD VÍDEO 02- TV Escola- Material Educativo Professor Propositor: Ministério da Educação (MEC).

Sinopse

O primeiro bloco do documentário apresenta o contexto de Alto do Moura, em Caruaru/ Pernanbuco, onde o barro do Rio Ipojuca se uniu ao mestre Vitalino, um sertanejo iluminado que faz a crônica de seu tempo e sua gente em bonecos que ganharam fama pelo mundo. O segundo bloco apresenta depoimentos de familiares e produções de peças de barro dos artesãos que foram seus discípulos, com comentários do museólogo Walmiré Porto, do Museu do barro de Caruaru. A terceira parte finaliza com as novas gerações, que fazem deste povoado o maior centro de arte figurativa das Américas.

Agora que você assistiu ao vídeo DVD, vamos discutir as seguintes que stões em grupos.

- O que você aprendeu sobre Mestre Vitalino?
- Quem eram seus pais?
- Onde morava o Mestre Vitalino?
- Quais as principais obras catalogadas do Mestre?
- Como o Mestre Vitalino ficou famoso?
- O que é possível perceber da relação do Mestre com seus discípulos?
- Quais as singularidades presentes nas produções artesanais das gerações posteriores a mestre Vitalino? Quais as contribuições reveladas pelo documentário com relação a isso?
- O trabalho de Mestre Vitalino influenciou outros artesãos a realizarem o mesmo tipo de trabalho, e muitas vezes, o próprio Mestre ensinava as técnicas. O que o Mestre Vitalino ensinava?
- Em, 1971 no Alto do Moura, no local onde o artista residiu, foi inaugurada a Casa do Mestre Vitalino. Atualmente, o que há neste espaço?

Para saber mais sobre a vida e obra do mestre Vitalino.

No laboratório de informática da escola, acesse os endereços eletrônicos:



Registre o que sabe até agora sobre a vida e obras do Mestre Vitalino aqui:

Cerâmica no Mundo

Agora que você já conhece a vida e obra do mestre Vitalino, vamos aprofundar os conhecimentos sobre cerâmica.

Você sabia?

Coeva do fogo, a cerâmica — do grego "kéramos", ou "terra queimada" - é um material de imensa resistência, sendo freqüentemente encontrado em escavações arqueológicas. Assim, a cerâmica vem acompanhando a história do homem, deixando pistas sobre civilizações e culturas que existiram há milhares de anos antes da Era Cristã.

Hoje, além de sua utilização como matéria-prima de diversos instrumentos domésticos, da construção civil e como material plástico nas mãos dos artistas, a cerâmica é também utilizada na tecnologia de ponta, mais especificamente na fabricação de componentes de foguetes espaciais, justamente devido a sua durabilidade.

Disponível em: < http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/origem.html >

Para saber mais leia e debata o conteúdo do seguinte texto:

Origem da Cerâmica no Brasil

No Brasil, a cerâmica tem seus primórdios na Ilha de Marajó. Na segunda metade do Oitocentos, a ciência arqueológica voltou-se para territórios e continentes além de Grécia e Roma; assim, ocorreram escavações na Amazônia, especialmente na ilha de Marajó sendo o centro de Santarém o mais generoso com os pesquisadores.

Os arqueólogos consideraram os vestígios e pretendiam estabelecer as origens dos povos amazonenses e várias foram as hipóteses: nômades dos Andes, vindos do Peru fugindo da conquista espanhola ou da América Central, e com maiores possibilidades, das Antilhas. Outra seria um êxodo começado no Grande Chaco e escavações em Quito têm encontrado provas de que as grandes culturas do Peru e México tiveram origem no Equador. Essas pesquisas começaram em 1958, quando foi descoberta uma aldeia datável de cerca de 5 mil anos na cidade costeira de Valdívia; e desde então mais aldeias do mesmo período foram descobertas no interior, na direção da Amazônia, com cerâmicas, instrumentos e objetos decorativos revelando um nível insuspeitado de sofisticação. E nas primeiras descobertas geográficas os europeus encontraram povoados que são descritos com bastante reserva.

Foram identificadas várias fases da cerâmica brasileira, que foram divididas em:

Ananatuba: a mais generalizada e provavelmente atribuível às primeiras sedimentações datáveis entre o séc. VII e o X a.C., apresentando uma técnica plenamente desenvolvida, povo dividido em tribos, cada um ocupando uma única maloca e abrigando uma centena de moradores;

Mangueiras: pertencente ao grupo que sucessivamente prevaleceu sobre o primitivo Ananatuba, sua duração estimada entre o séc. IX e o XII;

Formiga: outro grupo coevo deste último;

Aruã: denominação dada por pesquisadores europeus a um grupo que vivia em pequenas ilhas no Amazonas, tudo indicando uma cultura bastante singular, em face do uso de urnas funerárias, um ritual de notável contribuição na determinação de fases:

Marajó: é um capítulo à parte. Ela foi elaborada por povos que habitaram a bacia Amazônica do ano 980 A.C. até o séc. XVIII e é arqueológica. Através dela podemos observar a evolução, o apogeu e a decadência da cultura de um povo. A riqueza de detalhes, a exuberância das cores, a variedade dos objetos (como fusos, colheres, tangas, bancos, estatuetas e adornos), as técnicas de brunimento (alguns feitos com conchas). Os grandes aterros de louçaria e estatuetas encontrados na Ilha de Marajó mostram bem essa falência, Hoje o que existe de cerâmica marajoara pode ser visto no Museu Goeldi em Belém.

Texto Disponível em<http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/origem.html>

Neste espaço (em duplas)

- Registre as palavras que você não sabe o significado e pesquise no dicionário.
- Fale sobre as primeiras cerâmicas produzidas no mundo.
- Anote a sua opinião sobre a arte do barro.

Não se esqueça de utilizar o dicionário para pesquisa das palavras desconhecidas

Observe as Figuras



Disponível em: < http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/origem.html>

Discuta com os colegas

- A que se referem as imagens?
- Você concorda que essas peças têm valor cultural? Por quê?
- Em sua opinião são peças antigas ou modernas?
- Enumere as imagens e descreva o que cada uma representa para você.
- Pesquise ou desenhe outras figuras de cerâmica marajoara.

A CERÂMICA POPULAR

Amplie seus conhecimentos com a leitura e compreensão do seguinte texto

Artesanato: cinco pontos para reflexão

Ricardo Lima

Artesanato não é produto de máquina. Sendo manual, ele é irregular, perfeitamente irregular.

Acho ser possível se perceber e pensar um objeto que seja perfeito dentro de sua irregularidade, um objeto perfeitamente irregular.

O problema com os objetos não é de hoje. No Brasil, é uma questão que vem sendo discutida desde a década de 1950, quando se implantou uma nova estética no país, a estética dos objetos industrializados. É nessa década que surge o plástico, em grande escala. É também a indústria que acelera o emprego do alumínio na produção de bens de uso doméstico. E os objetos são produzidos, então, não mais artesanalmente, mas industrialmente. E daí a coisa da regularidade.

Entre nós a industrialização ocorreu de forma mais intensiva a partir dos anos 1950 e portanto a questão não aparece nos textos que são anteriores a essa época. Ela surge, especificamente, em 1953. Está fazendo 50 anos agora que Cecília Meireles, uma poetisa que muitos de vocês conhecem, escreveu uma crítica a essa nova estética que advogava a regularidade das formas, a homogeneidade das linhas, dos objetos do cotidiano, objetos da vida.

Ela disse o seguinte:

Ora, o mercado certo é um dos obstáculos ao estímulo da cerâmica popular dos nossos dias. Mesmo as peças utilitárias estão sendo todas pouco a pouco abandonadas. As moringas que refrescam a água são substituídas por geladeiras; o vasilhame de barro, com todas as virtudes que possa ter, encontra inimigos invencíveis em louças mais duráveis, ou em caixas e latas que oferecem outras vantagens; a não ser por moda, ou um outro caso, ninguém quer saber de comida em caçoletas nem em pratos de barro; os alguidares arranham os mármores da cozinhas, e as salgadeiras e travessas de barro tornaram-se incômodas. O mundo feito à máquina não compreende as bordas irregulares do barro. Não gosta dos vidrados escorridos desigualmente, não aprecia a boniteza torta das canecas, das jarrinhas sem equilíbrio total, e não há mais (...). (Meireles, 1968:53-54) (o grifo é meu)

Acho impressionante a atualidade desse texto da Cecília Meireles, no qual ela denuncia a estética que se instaura e que pressupõe para o belo, o bonito, o uniforme, a homogeneidade. O "tudo igual".

No entanto, nós, que estamos com o universo do artesanato, lidamos com uma classe de objetos que apresentam muitas irregularidades, por isso gostaria que pensássemos um pouco mais sobre esse ponto.

Quem lida com artesanato, pela própria materialidade do mundo com que estamos envolvidos, sabe que às vezes é muito difícil só falar. Daí inventei esta maleta que eu chamo

de "maleta do convencimento": vou falando as coisas e vou provando visualmente, vou convencendo a quem me ouve de que aquilo que estou falando é verdade. É uma maleta mágica que me permite trazer uma porção de coisas, cobras e lagartos...

Este é um pote de Passagem, pequena localidade à margem do curso médio do Rio São Francisco, no município de Barra, na Bahia. Este pote apresenta estas manchas, todas irregulares. Se houvesse sido feito pela indústria seria refugado como objeto mal feito. No entanto, estas marcas podem ser lidas de outra forma. Neste pote, estas marcas na verdade não são defeitos, não são falhas. São marcas de uma identidade cultural da maior importância não só para Passagem, para Bahia, para o Brasil, mas também para toda a humanidade. É prova do processo de cozimento da peça, que foi queimada a céu aberto, em fogueira, um modo de queima de uma tradição, de um saber milenar que já foi muito presente no Brasil, nas Américas, na África, na Ásia. [...]

Texto na integra disponivel em: < http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=569>.

Agora responda no caderno (em duplas)

- Qual é a mais antiga das artes?
- O que você entendeu por cerâmica popular?
- Onde é comum a exposição de cerâmicas populares?
- O que costuma ser vendido na feira de Caruaru?
- Explique os instrumentos de trabalho da louceira.
- Qual é o artesanato da sua região?
- Ela amplia a sua percepção sobre as feiras populares?

Saiba mais sobre a Feira de Caruaru pesquisando:

O texto "Cerâmica Popular" fala da feira de Caruaru. Para saber mais vamos pesquisar no site "Pavilhão das Culturas Brasileiras: Ação educativa, disponível em: http://educativopavilhao.blogspot.com.br/2012/03/para-saber-maismestre-vitalino.html.

Registre aqui os apontamentos da pesquisa:

Veja essas figuras





Disponível em: https://www.google.com.br/#q=cultura++cer%C3%A2mica+mestre+vitalino+>



Disponível em: http://construirsaberes-cinthia.blogspot.com.br/2011/11/plano-de-aula-de-historia.html

Debate em grupos

- Quais as cores usadas pelo artista?
- Você sabe a diferença entre uma pintura e uma escultura?
- Qual das imagens você mais gostou? Por quê?
- Converse com os seus colegas sobre a importância das obras do Mestre Vitalino para a cultura brasileira.

Você sabia?

Ainda hoje no Nordeste os bonecos são modelados manualmente com o uso de ferramentas improvisadas, e as peças são queimadas em fornos a lenha. O Mestre não se importava que copiassem suas obras, achava natural, e por isso ensinou sua arte para os filhos Severino e Amaro e para muitas pessoas da região.

Saiba mais sobre os bonecos do Mestre Vitalino



Disponível em:https://www.google.com.br/#q=bonecos+de+barro+do+mestre+vitalino>



Disponível em:<https://www.google.com.br/#q=++atividades+de+artes+mestre+vitalino>

Para saber mais assista os vídeos

http://www.youtube.com/watch?v=iU1uu-ic1PQ

Socializando as impressões

- O que essas figuras representam?
- O que despertam em você?
- O que mais lhe chama a atenção?
- O que lhe causa estranhamento?

Agora, converse sobre o conteúdo dos vídeos com os seus colegas (duplas).

Registie aqui os	be as connectine	111003	

Técnica da Cerâmica

Leia o texto com atenção e aprenda sobre a técnica da cerâmica

Técnica da Cerâmica

As artes cerâmicas moldam minerais das entranhas da terra (metais, barro, argila, areia, etc.) dando origem a utensílios, peças ornamentais, urnas funerárias e os mais variados produtos da imaginação do homem. Ela demanda calma e circunspeção: a argila e os elementos de liga devem ser cuidadosamente escolhidos e o manejo deve ser paciente porque ela oferece tantas possibilidades quanto variações e rupturas após a queima; assim uma peça cerâmica contém além de todos esses ingredientes e cuidados, a apreensão, o suspense e o ardor.

Ela pode ser manufaturada ou industrializada e sua matéria-prima principal é **a argila**, **o caulino**, **o barro**, **a pasta**. Modelada e cozida ao sol, em fogueiras ou em fornos aquecidos a temperatura conveniente, o produto pode ter cor natural, preto ou em variações que ocorrem do amarelo ao vermelho, podendo ainda, ser revestido de pintura, composta de silicalcalinos ou vernizes à base de chumbo ou estanho, formando um esmalte brilhante e resistente com ricas variações.

Existem diversas argilas nas quais se podem adicionar outros elementos para obter maior plasticidade e coesão e ainda um bom cozimento.

As argilas são rochas normalmente de origem sedimentares e provenientes da alteração de rochas silicadas. Os minerais que as constituem são fundamentalmente a caulinite, a ilite ou a montemorilonite.

Encontra-se na natureza em estado de relativa pureza ou associadas aos mais diversos materiais, podendo adquirir, neste caso, propriedades e designações específicas. As *Margas*, por exemplo, são argilas com um elevado teor de calcário.

Geologicamente e quanto ao modo de formação das suas jazidas, as argilas classificam-se nos dois seguintes grupos:

- **Argilas primárias:** são as argilas que se mantiveram no seu local de formação. Apresentam-se por vezes associadas a restos da rocha de origem (granitos, gneisses ou feldspatos) com um grão relativamente grosso e em massas de cor branca, devida à pureza do ou dos minerais que a constituem. Há jazidas de caulino cujo teor em caulinite chega a atingir 98%.
- Argilas secundárias: são as argilas que, arrastadas por agentes naturais como a água, o vento ou mesmo os glaciares, se foram depositando longe do seu local de formação. Desse atribulado transporte resultou o seu grão bem mais fino e também a sua mistura com matérias orgânicas, etc. Podem apresentar-se coradas, ou não. São exemplos de argilas secundárias os barros gordos, os barros vermelhos, etc.

O caulino é uma argila de pureza considerável, capaz de suportar altas temperaturas e de cozedura, em geral bastante branca. É um componente muito importante ou mesmo fundamental de grande parte das pastas cerâmicas, nomeadamente das porcelanas. Sendo ele muito friável, não reúne por si, só as condições necessárias para uma modelagem conveniente, tendo, para isso, que ser misturado com um barro mais plástico (mais gordo). É uma matéria-prima muito abundante em grande parte na costa portuguesa, com numerosos pontos de extração e de grande utilização na indústria cerâmica e ainda na do papel. Estes fatores, associados ao preço bastante acessível, tornam-no num material relativamente fácil de obter. Por certo, não haverá nenhuma fábrica de cerâmica que consuma caulino que se negue a vender-lhe pequenas quantidades. É um material muito interessante.

O barro é uma designação genérica na qual foram agrupadas a um sem-número de misturas de argilas com as mais variadas espécies de impurezas. Os diversos minerais, os óxidos metálicos e as matérias orgânicas, associados às argilas em variadíssimas proporções, fazem com que as variedades de barros sejam inumeráveis e apresentem características muito distintas, quer em cru quer depois de cozidas. Na mesma extração é frequente encontrar tipos de barros muito diferentes consoantes, por exemplo, a profundidade a que se escava.

Em um site de busca no laboratório da escola amplie os seus conhecimentos sobre:

a) argilas;	
b) o caulino;	
c) o barro;	

Para aprender mais:

- a) Visita ao sítio arqueológico da cidade de Altônia-Paraná.
- b) Sobre a visita ao sítio, destaque as suas descobertas:

- O que achou do sítio?
- Gostou da visita? Porquê?
- Faça uma relação de coisas importantes que você viu no sítio, discuta com o colega sobre o que mais lhe chamou a atenção e vá registrando as ideias.
- Qual a relação das coisas vistas no sítio com o conteúdo estudado até agora?
- No solo visitado, existem tipos de argila em cores e densidades diversas?
- Quais os tipos de argila encontrados no sítio?
- O passeio contribuiu para ampliar os seus conhecimentos sobre a importância do patrimônio para a memória social, cultural e histórica?
- Você compreendeu a importância do legado do Mestre para a cerâmica figurativa nordestina?
- O que dizer da diversidade na prática artesanal das regiões brasileiras?

CONSTRUINDO UM MINI- MUSEU

Vamos criar um mini-museu a partir da seguinte ideia

- Transformar a argila em obras de arte, a partir do seu conhecimento sobre elas;
- Dar um título ao mini-museu;
- Exposição das obras realizadas à comunidade escolar.

Com base nos momentos vivenciados

- Escrever o que achou da exposição sobre o mestre Vitalino, discutindo o que fez, e sobre a importância do estudo das obras e vida de Vitalino.
- Em grupo de até cinco alunos elaborar um texto retratando o que foi esse momento, a primeira impressão e última antes de conhecer as obras de Vitalino, bem como quais as diferenças percebidas durante o processo de aprendizagem.

Avaliação

A avaliação será diagnóstica, contínua, acontecendo em todos os momentos do processo de ensino e aprendizagem, buscando verificar o que os alunos aprenderam, se os objetivos propostos foram atingidos e se a intervenção foi

conduzida de forma adequada.

Desta forma, a avaliação se constituirá em uma ferramenta indispensável na verificação da aprendizagem contínua dos(as) alunos(as), destacando as superações e/ou limitações apresentadas, direcionando alunos e professores na busca de abordagens que contemplem métodos didáticos adequados para a disciplina de artes.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. A. O que é cultura popular. 8ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

BARBOSA, A. M. A mutação do conceito e da prática. In BAROBOSA, A. M. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-25.

BORGES, Adélia; BARRETO, Cristina (orgs.) **Pavilhão das culturas brasileiras:** puras misturas. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2010.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CAMARGO, L. O. de L. O que é Lazer. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANCLINI, N. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1989.

_____. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos. Disponível em: http://www.ufrgs.br/cdrom/Garcia/garcia.pdf> Acesso em 18 de mai. de 2013.

_____. A globalização imaginada. In: CANCILINI, N. Capitais da cultura e cidades globais. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini dicionário Aurélio século XXI**: O mini dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FRESSATO, S. B. **Cultura popular**: reflexões sobre um conceito complexo. Oficina Cinema-História. Núcleo de Produção e Pesquisas da Relação Imagem-História. Disponível em: < http://oolhodahistoria.org/culturapopular/artigos/culturapopular.pdf> Acesso em: 16 de mai. de 2013.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de janeiro: Guanabara, 1989.

GUSMÃO, N. M. **Antropologia, estudos culturais e educação**: desafios da modernidade. Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a04.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2013.

JACKS, N. Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 5, novembro 1996. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/2946/2230%20%20%20%20p%C3%83%C2%A1gina%2048. Acesso em: 10 de jun. de 2013.

ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985	-
Mundialização: saberes e crenças. São Paulo: Brasiliense, 2006.	
Românticos e folcloristas: cultura popular. São Paulo: Olho D'Água, 1992	
OSINSKI, D. R. B. Arte, história e ensino : uma trajetória. 2ª. Ed. São Paulo: Corte 2002.	;Z

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Artes para a Educação Básica.** Secretaria do Estado do Paraná, 2008.

PARANÁ. **Arte no ensino médio**. Curitiba: Secretaria do Estado do Paraná – SEED. 2006.336p.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 7. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

SILVA, R. M. C. **Cultura popular e educação**. Salto para o Futuro. Secretaria do Estado e Educação, Brasília: Ministério da Educação, 2008.